



UNILAB
UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
CAMPUS DOS MALÊS
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

MAMADU BALDÉ

MULHERES AFRICANAS NA UNILAB:
REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA EM PROCESSO

São Francisco do Conde

2017

MAMADU BALDÉ

**MULHERES AFRICANAS NA UNILAB:
REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA EM PROCESSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea.

São Francisco do Conde

2017

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

B147m

Baldé, Mamadu.

Mulheres africanas na Unilab : registro de uma experiência em processo / Mamadu
Baldé. - 2017.
47 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2017.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Caterina Alessandra Rea.

1. Estudantes africanas. 2. Estudantes universitárias - África. 3. Mulheres - Educação -
África. 4. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Estudantes.
I. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 378.1980960

MAMADU BALDÉ

**MULHERES AFRICANAS NA UNILAB:
REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA EM PROCESSO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 26/07/2017

BANCA EXAMINADORA

Caterina Alessandra Rea – Orientadora

Doutora em Filosofia pela Université Catholique de Louvain, Bélgica
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Ismael Tcham – Examinador

Doutor em Antropologia Social e Cultural pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Florita Cunhaga António Telo – Examinadora

Doutoranda em Estudos Interdisciplinares sobre Feminismo, Gênero e Mulher pela
Universidade Federal da Bahia - UFBA
Mosaiko - Instituto Para a Cidadania

RESUMO

O objetivo deste TCC consiste em discutir o conceito do ser estrangeiro/a a partir da análise da situação de alunos africanos da UNILAB/Malês, em São Francisco do Conde/BA. Em particular, tratar-se-ia de analisar a condição das alunas, jovens mulheres confrontadas com a experiência diaspórica e de sua transmigração para um contexto diferente. Consideramos o processo da autoafirmação identitária dentro desta nova realidade, assim como os vínculos que se afirmam em uma conflituosa historicidade de vida, através da leitura de diversas narrativas em processo. E construídas a partir de princípios que efetivam e controlam, servindo de uma quebra de ideologia e entre várias formas de interpretação do que é de “fora” e de “dentro”. Assim, essas mulheres, organizadas, vão se integrando no ambiente diferente, através de mecanismos políticos, costumes e ritos diferentes em processo.

Palavras-chave: Diáspora. Mulheres. Unilab.

ABSTRACT

The purpose of this work is to discuss the concept of being foreigner from the analysis of the situation of African students from UNILAB / Malês in São Francisco do Conde / BA. In particular, it would be a question of analyzing the condition of the female students, young women confronted with the diasporic experience and of their transmigration into a different context. We consider the process of self-affirmation within this new reality, as well as the bonds that are affirmed in a conflictual historicity of life, through the reading of several narratives in process. They are constructed from principles that effectively and control, serving as a breakdown of ideology and among various forms of interpretation of what is "outside" and "inside." Thus, these women, organized, are integrating in the different environment, through political mechanisms, customs and different rites in process.

Keywords: Diaspora. Unilab. Women.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	CAPÍTULO I: O COMEÇO DE UMA EXPERIÊNCIA EM PROCESSO	12
2.1	INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA UNILAB	12
2.2	DADOS QUANTITATIVOS E AS EVIDÊNCIAS CONSTRUÍDAS EM PROCESSO	14
2.3	COMO A SITUAÇÃO DAS MULHERES É DEBATIDA NOS PAÍSES DE PROVENIÊNCIA DAS ALUNAS E NO DEBATE AFRICANO GERAL	18
2.4	AS LUTAS E AS COMBINAÇÕES EM PROCESSO	20
3	CAPÍTULO II: O COTIDIANO E O ENCONTRO COM A ALTERIDADE	24
3.1	OLHAR DAS REPRESENTAÇÕES EM PROCESSO	24
3.2	MARCAS DA ALTERIDADE E AS FORMAS ADAPTATIVAS	27
4	CAPÍTULO III: TRADIÇÃO E MODERNIDADE: O ENFRENTAMENTO DAS AMARRAS IDENTITÁRIAS EM PROCESSO	32
4.1	DA IDENTIDADE A TRADIÇÃO E MODERNIDADE E SEUS CONCEITOS	32
4.2	AS AMARRAS IDENTITÁRIAS E SUAS INFLUÊNCIAS EM PROCESSO	33
4.3	DO CIRCUITO UNIVERSITÁRIO AO CASEIRO E ATRIBUIÇÕES EM PROCESSO	36
4.4	DO OLHAR EDUCADOR ATENTO E AS INFLUÊNCIAS MODERNAS	37
4.5	DA ESTÉTICA E PRETENSÕES EM PROCESSO	38
5	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

A minha pesquisa baseia-se no interesse em expandir uma visão objetiva e clara sobre as mulheres Africanas na Unilab. Falando de modo geral, as vivências dessas meninas na Unilab/Campus dos Malês, São Francisco do Conde, constituem uma contribuição significativa sobre as vivências de uma jovem geração de mulheres africanas no Brasil e na Bahia que, em suas trajetórias de vida e no processo de sua formação acadêmica e intelectual, se deparam com as amarras tradicionais, históricas e culturais da própria identidade. Através das experiências destas alunas, é nossa intenção analisar os conflitos entre um sistema de pensamento tradicional e uma nova condição “moderna africana”, que consideramos como um processo dinâmico e em constante evolução. É nosso objetivo também ressaltar as narrativas mais frequentemente referenciadas sobre nós, African@s, as maneiras com que somos considerados no contexto brasileiro e, particularmente, na cidade de São Francisco do Conde/BA. Apesar de muito preconceitos ainda permanecerem, consideramos que os centros de estudos Africanos se multiplicaram nos currículos universitários brasileiros. O tema clássico ‘tudo o que é europeu é civilizado, tudo o que é africano é bárbaro’ foi substituído por ‘tudo o que é africano é civilizado é bonito’ (MUDIMBE, p. 211).

Sendo assim, decidi analisar a vida dessas jovens mulheres estudantes, mostrando os conflitos com os quais elas se deparam, após sua chegada no Brasil; descobrindo um mundo bem diferente daquele apresentado pela mídia. Muitas das minhas informantes me confessaram terem sido atraídas pela imagem que do Brasil se tem através da televisão e das novelas, nos países africanos de proveniência, sendo que, aqui, elas descobriram uma realidade sociocultural bem diferente. Moema Parente demonstra que:

os escritores atentos aos múltiplos empregos de tais instrumentos, tantas vezes usados para o exercício do poder, servem-se de seus textos para desmitificarem a ambiguidade do discurso hegemônico salvacionista e centralista, para desconstruir e reinventarem um novo discurso, rebelde, denunciador, clarividente, muitas vezes profético-eco, mas também termômetro das turbulências políticas e sociais da atual conjuntura histórica”(2007, p. 40)

Minhas informantes relatam que o Brasil aparecia, para elas, como uma imagem de sonho, como um lugar onde tudo é belo e prazeroso, e isso me motivou a aprofundar e a questionar a realidade da experiência que elas encontraram, ao chegar em São Francisco do Conde. Minha

ideia foi assim de comparar, através das falas delas, aquele Brasil sonhado e imaginado com aquele que, de fato, elas relataram ter encontrado. Percebendo que a imagem que elas tinham do Brasil não corresponde à realidade, as minhas informantes me fazem parte de seu sentimento de medo e frustração, tendo de enfrentar uma longa estadia num país bem diferente daquele que tinham se representado. Celso Castro diz que:

A estadia das mulheres Africanas na Unilab-São Francisco do Conde (BA), abre, para elas, caminhos e cria novas possibilidades, ampliando o conhecimento que elas têm sobre realidades diferentes, no contexto africanos versus brasileiros, e o papel central destas mulheres dentro deste contexto "novo" na Unilab/Campus dos Malês. Gustavo de Castro considera esta fase, como meio de reflexão e maturidade no que diz respeito às nossas relações cotidianas. Esta experiência também possibilita a formação de vínculos de solidariedade e o compromisso com um pensamento mais engajado, aberto e dialógico. (2006, p. 153).

Este é o marco central gerado dentro da minha pesquisa perante minhas informantes, sobretudo concentrado na impactante diversidade de sociedades, com culturas e vários cantos de manifestações, credos, identidades diversas.

Uso a estratégia de interrogar as suas maneiras de vida, os significados que atribuem à cultura do próprio país, ou as estratégias de adaptação ao contexto de São Francisco do Conde, como meios essenciais para de modo a estender o obter tipo de conhecimento sobre as dificuldades enfrentadas pelas alunas ao chegar ao Brasil em andamento.

Minha ambição é não abordar as questões são clássicas da antropologia na sua versão histórica africana, mas sim ter na obtenção de resultados que espelham realidades vividas por objetivas destas mulheres africanas em São Francisco do Conde (Bahia):

Assim, a pesquisa procura uma forma de conhecimento digno de inovações e diversas provocações, tendo por consequência causando um sistema de pensamento e aprendizado, nas questões que se seguem: o primeiro capítulo apresenta as alunas da Unilab (São Francisco do Conde) que, ao me contarem suas histórias, se tornaram minhas informantes e possibilitaram esta pesquisa. O primeiro capítulo também apresenta a UNILAB, enquanto instituição que tem, entre seus objetivos, a integração entre Brasil e África. Daremos seguimento com a análise de ideologias e saberes, e discursos, a partir da experiência de "estranheza", vivenciada pelas alunas, a relação com o passado e o presente das minhas informantes, e a projeção de um futuro que elas sonham. Os seguintes capítulos introduzem o cotidiano das alunas, analisando

sua relação com as tradições locais de seus países e a confrontação com a modernidade, assim como os diferentes processos de transformação pelos quais elas passaram e ainda passam em seus conhecimentos e práticas quotidianas.

Esta é a minha preocupação, quebrar essas barreiras discriminatórias da originalidade das contribuições africanas, enfatizando a importância das relações interpessoais e interculturais que a estadia destas alunas na UNILAB/BA possibilita.

O problema central é que para as meninas africanas existe uma narrativa “muitos não sabem quem eu sou ou quem somos”.

Enquanto estudante africano da UNILAB/Campus dos Malês, estou em parte envolvido no processo do qual tento dar conta nestas páginas. Revelar o meu posicionamento nesta pesquisa, enquanto aluno africano, me parece um ponto de partida metodologicamente e epistemologicamente importante para a elaboração deste trabalho. Como comprometido com o conhecimento africano foi essencial esses pontos: Quem está a narrar isto? Quem tem legitimidade e a credibilidade para produzir, descrever, comentar, ou apresentar opiniões sobre esta narração? Gustavo Castro lembra “que só tem sentido a nossa forma de pensar e agir quando, damos tanto importância à vida cotidiana, ao que amamos e ao que acreditamos das nossas experiências” (CASTRO, p.157).

Encontro-me questionando se vale a pena indagar minhas informantes sobre suas vidas. Pois mesmo elas se interrogam se não é apenas mais um curioso querendo saber sobre suas vidas, sobre as interações das culturas africanas com as brasileiras, as interações entre as culturas africanas dos diferentes países representados na UNILAB e sobre as maneiras em que tais culturas africanas são conhecidas e representadas no exterior.

Salientando que este registro não é um simples fato de aceitar como legítimas as representações qualificadas das culturas africanas, nesse espaço (vivências em processo). Como Franz Boas lembra, “para entender a história, é preciso conhecer, não apenas como as coisas são, mas como elas vieram a ser assim” (Boas, p.45)

Através das entrevistas realizadas com minhas informantes, tentei estudar as maneiras com que a população de São Francisco do Conde se representa a África e os/as africanos/as. Com certeza,

não tenho a pretensão de dar conta de tudo, nestas páginas, mas fiz questão de reportar as principais falas das minhas interlocutoras, de modo a dar a entender o significado da inserção das mulheres africanas em São Francisco do Conde, de suas lutas e reivindicações para o seu empoderamento, através do estudo e da presença na universidade.

Confesso que enxerguei algo que nunca tinha enxergado, de modo geral minha visão ‘mudou’. Como Franz Boas reforça, “a compreensão de uma cultura estrangeira só pode ser alcançada pela análise, e somos compelidos a aprender seus vários aspectos sucessivamente” (BOAS, 1932, p. 59).

2 CAPÍTULO I: O COMEÇO DE UMA EXPERIÊNCIA EM PROCESSO

Neste primeiro capítulo, pretendo destacar as vivências de algumas das alunas africanas na Unilab/Malês, através da análise do espaço social do cotidiano, apresentando alguns elementos do imaginário social destas alunas e de suas experiências no Brasil. Este capítulo está estruturado em quatro partes. A primeira parte, apresenta uma contextualização histórica da Unilab. Na segunda parte, apresento os dados quantitativos em relação à presença das alunas e alunos no geral, especificando seus países de proveniência. Na terceira parte, analiso as representações e elaborações das narrativas construídas pelas alunas para enfrentar as situações vivenciadas no Brasil e os sentimentos de estranheza, confrontando-os com os imaginários culturais dos próprios países. Na quarta, tratar-se-ia de discutir estes materiais à luz das principais teorizações de teóricas e feministas africanas, preocupadas em afirmar o empoderamento e a visibilidade das mulheres do continente. E por último, traço as ilustrações feitas e toda dinâmica na luta contra a discriminação ligada a questões de gênero. Assim traço as narrativas deste primeiro capítulo.

2.1 INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA CRIAÇÃO DA UNILAB

A Unilab é uma instituição de Ensino Superior vinculada ao Ministério da Educação, que em suas diretrizes visa a realizar o projeto de interiorização e internacionalização da educação superior, tendo seu principal campus na cidade de Redenção, localizada na região da Maciço do Baturité, junto à Serra da Guaramiranga, no estado do Ceará. Também, a UNILAB possui um campus fora de sede localizado na Bahia, na localidade de São Francisco do Conde.

A instalação da Comissão de Implantação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), em outubro de 2008 pelo Ministério da Educação (MEC), deu seguimento à sanção presidencial da Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, que dispõe sobre a criação da universidade, espelha concretamente essa política. (Unilab, 2010).

A UNILAB tem como missão produzir e disseminar o saber universal, de modo a contribuir para o desenvolvimento social, cultural e econômico do Brasil e dos países parceiros - especialmente os africanos de língua oficial portuguesa, alargando-se progressivamente a outros países do continente. Esta universidade visa à educação-formação do cidadão, o conhecimento técnico, científico e cultural e tem um compromisso com a necessidade de

superação das desigualdades sociais e a preservação do meio ambiente. Tem, assim, como objetivo, promover ensino, pesquisa e extensão de alto nível, dentro de uma perspectiva intercultural, interdisciplinar e crítica, contribuindo para formação técnica, científica e cultural de pessoas aptas a dar e receber conhecimentos, para uma integração de qualidade entre Brasil e países parceiros, visando ao desenvolvimento econômico e social

A universidade tem por objetivo promover avanços na produção e disseminação do conhecimento em atendimento à demanda de formação e de pesquisa de países de expressão em língua portuguesa, em um ambiente de respeito às distintas identidades, ao pluriculturalismo e à cooperação solidária (Unilab, 2010).

A Unilab se caracteriza pela sua atuação na cooperação internacional, intercâmbio acadêmico e solidário com países membros da comunidade de língua portuguesa. Deste modo se compõe de corpo docente e discente proveniente do Brasil e dos demais países. Os cursos são ministrados, preferencialmente, em áreas de interesse mútuo do Brasil e dos outros países, em especial países Africanos, com ênfase em formação de professores, desenvolvimento agrário, gestão, saúde pública e demais áreas consideradas estratégicas.

O campus dos Malês é localizado em São Francisco do Conde, município situado na Bahia e que se encontra na região metropolitana de Salvador. O processo de instituição do Campus dos Malês, enquanto campus universitário dotado de cursos presenciais, iniciou-se durante os primeiros meses de 2014, com a entrada dos/as primeiros/as docentes e das primeiras turmas de alunos/africanos/as e brasileiros/as. O Campus foi oficialmente inaugurado no dia 12 de maio de 2014.

Ora, os critérios da inserção e preenchimento da vaga são realizados na Unilab, da seguinte maneira: para concorrer no processo seletivo, os candidatos/as devem se inscrever através do sistema eletrônico da instituição, disponível na internet e depois entregar os documentos solicitados na embaixada ou Consulado do Brasil, nos respectivos países. Os critérios são: ser maior de idade, compreendida entre 18 a 27 anos, ter a conclusão do ensino médio, prova escrita (dissertação), incluindo a soma de todas as notas do histórico escolar. No entanto, é avaliada a situação financeira, mediante um termo de compromisso, assinado pelo pai, mãe ou parente, assumindo e garantindo a total responsabilidade de apoio ao estudante (Unilab.edu.br, 2014).

2.2 DADOS QUANTITATIVOS E AS EVIDÊNCIAS CONSTRUÍDAS EM PROCESSO

A imigração Africana na Unilab-São franciscana, se compõe, segundo a Secretaria dos cursos de Bacharelado em Humanidades e Licenciatura em Letras, por mulheres e homens na faixa etária entre 18 a 26 anos de idade, e em quantidades por países, Guiné-Bissau com 66 homens e 37 mulheres, Cabo-Verde com 4 homens e 10 mulheres, São Tomé e Príncipe com 9 mulheres e 1 homem, Angola com 6 mulheres e 18 homens, e Moçambique com 2 homens somente.

Destaco o fato de que, até o momento presente, não há pesquisas desenvolvidas sobre o processo de chegada e de adaptação de alunos e alunas africanos e africanas, no contexto de São Francisco do Conde/Ba, o que me motivou a fazer esta pesquisa. Relativamente aos campi do Ceará, já existe um trabalho escrito pela aluna guineense Iadira Antonio Impanta, intitulado, “Migrações femininas: entremeando trajetórias e histórias das estudantes guineenses na Unilab” (2015).

Deste modo sublinho que existe uma diferença entre as alunas a partir das culturas e das tradições às quais elas pertencem, ou seja, dos povos e países dos quais elas provêm. Acreditamos que estas diferenças dificultam a inserção das alunas no contexto da comunidade de São Francisco do Conde e no trato com o grupo dos alunos brasileiros.

Por mais educativa que seja essa diversidade cultural, ela pode causar uma certa estranheza, no encontro de diferentes formas culturais, práticas e costumes. Segundo quanto pude constatar nas entrevistas que realizei para esta pesquisa e as narrações das alunas com quem falei, elas são, muitas vezes, enxergadas pela população de São Francisco do Conde, segundo estereótipos e preconceitos que as reduzem à imagem de mulheres submissas, incapazes de enfrentar o machismo, supostamente enraizado nas culturas africanas, ou mesmo como “brutas” e “selvagens”.

Percebemos como essas representações carregam uma marca histórica que nos remete ao período da escravidão e às representações sociais com as quais as mulheres africanas eram enxergadas. Como questiona Lancaster:

Que o corpo generificado ao mesmo tempo representa e reflete o corpo coletivo. Ele pode ser compreendido como um locus da história, do significado cultural e da experiência corporal: uma realidade socialmente construída que expressa,

simultaneamente, processos sociais e estruturais. Mapear a economia política do corpo significa traçar os valores sociais, culturais e econômicos produzidos a partir do corpo físico (Lancaster,1992 *apud* Parker1995:141).

A questão identitária está ligada à imigração do corpo estudantil em São Francisco do Conde. Este fenômeno migratório parece reativar os estereótipos que atormentaram as pessoas escravizadas, trazidas da África para as Américas nos séculos passados, cujas marcas de sofrimento são visíveis ainda hoje, infelizmente. Tratando-se de situações com as quais eu também me deparo, destaco meu envolvimento, enquanto pesquisador, com as problemáticas abordadas pelas alunas, durante as entrevistas. Me questiono sobre o porquê de elas serem tratadas pela comunidade dessa forma. Quais foram as reações que elas tiveram perante estes estereótipos? No entanto, todas as minhas entrevistadas, não se incomodaram em serem questionadas e em responder as perguntas, informando as circunstâncias que conferem e salientam ser, de se sentirem negras, como mulheres, na "alma" e tom de pele, para resgatar a ancestralidade de uma linhagem, que problematiza e interroga o social moderno negro africano. Como lembra Macamo:

Uma sociologia das sociedades africanas consiste na produção dum saber africano. Esse saber reflete criticamente sobre as nossas condições existenciais e aceita o fato de que nós somos; as nossas sociedades são a nossa reflexão é, produto da nossa relação ambígua com a modernidade. Essa relação ambígua com a modernidade encontra uma das suas expressões mais eloquentes na polissemia do "Djoni di Xidimingwana (2009, p. 25-26).

Quanto à questão da cor e a sua relação com específicas identidades no contexto brasileiro e diaspórico, como a parda, mulata ou negra, que não estão presentes, da mesma forma, nos países de proveniência, elas relataram não estarem acostumadas com o uso destas categorias e com os preconceitos historicamente vinculados a este uso. Ainda consideramos que essas marcas ou esta conflituosa dinâmica de identidade, são fenômenos em constante transformação e formação ou transposição. É possível perceber que algumas alunas se afiliaram a esta categorização, após a chegada ao Brasil, outras continuam considerando isso como um tabu, enquanto algumas tiveram uma pequena parcela de entendimento destes fatos, antes da vinda ao Brasil. Essas discussões trazem uma longa reflexão e as marcas de um passado nas condições sofridas durante a época colonial e que se refletem nas vivências quotidianas destas meninas, nas expectativas sobre seu futuro e no engajamento com a superação das desigualdades quotidianas e com o desenvolvimento dos países de onde provém. Anthony demonstra bem o porquê dessa transformação, ou seja, como a identidade cultural de um grupo se transforma e muda em situação de migração e ao contato com uma alteridade cultural.

No discurso das alunas, notamos a preocupação com a questão territorial, sobretudo em relação com o fator identitário. Assim, colocamos a pergunta se, em algum momento, elas de modo individual ou coletivo, foram levadas a questionar o que significa estar num espaço que não é a própria terra. E a se interrogarem sobre o que a presença delas representa, para a comunidade de São Francisco.

Estas alunas africanas aparentam sentirem-se tratadas de modo diferenciado por parte da população de São Francisco, tratamento em que pesa o fato de elas serem africanas e mulheres. Encarnando a imagem de mulheres estrangeiras/africanas, dentro da comunidade São Franciscana, elas são enxergadas como uma ameaça à ordem cultural e à tradição local, causando uma ruptura em relação aos privilégios e aos direitos que a população local pretende deter.

Sentimentos de estranheza vivenciada, através do olhar de fora para dentro, como de dentro para fora.

O propósito desta parte, é analisar as motivações que levaram estas meninas à escolha de vir morar no Brasil, para se formar nos estudos superiores, enfrentando as dificuldades de lidar com a distância do próprio país e das famílias, e com as novas relações sociais e interpessoais. Ora, os impactos da chegada são inúmeros e produzem diversas narrativas que intentamos, aqui, relatar e apresentar de forma organizada, através do olhar das produtoras destas narrativas. Como afirma uma de minhas entrevistadas:

Da minha vinda ao Brasil, foi desprovida de inúmeras certezas por parte da minha família. Do perigo, a discriminação e a intolerância. São fatos que sobrecarregam o espírito de qualquer indivíduo no antes e pós vinda. Tais ilustrações fazem e vivenciam de perto todas essas modalidades (entrevista concedida no dia 14/09/16).

Esses olhares são vastos sendo os relatos parcialmente semelhantes entre si na consolidação de um olhar construído através de uma realidade de "fora", como de "dentro". Olhar este, posso afirmar, quando é feito a partir do momento que o indivíduo enxerga o social brasileiro através das propagandas de televisão, novelas, numa dinâmica antes da vinda (de fora), e quando de dentro, dentro do país, ocorre que este indivíduo associa sua visão a àquilo que está vivenciando no espaço e numa perspectiva, no caso, à "moda" brasileira, ou seja, marcada pela sua presença e não mais através da imprensa e programas de televisão, etc.

Estas categorias são inúmeras e são essenciais, múltiplas categorias necessárias para adaptação no território até então desconhecido, refletindo o medo, a angústia e o nervosismo, quanto à qualificação e inserção no Brasil. Na visão das entrevistadas ‘se for para servir a vontade das nossas famílias ninguém estaria aqui’. A maioria dentre elas relatou uma ausência de suporte eficaz ou apoio no acolhimento, a dificuldade em lidar com a burocracia do sistema administrativo das questões de saúde, moradia e na regularização dos documentos necessários ao estrangeiro. Esses desafios, cujo enfrentamento em vários casos dependem do apoio da própria Instituição de ensino, ou de conterrâneo ou de outros estudantes africanos, representaram para elas, ao mesmo tempo uma dificuldade e uma ocasião de crescimento. O maior impacto, contudo, é bastante explícito em todas as falas, e sem distinção, a respeito da experiência na comunidade acadêmica e São Franciscana, da questão do racismo e a violência de gênero, que como lembra Mudimbe, são fatos consolidados, a partir de um passado histórico similar ao presente, numa dinâmica diaspórica.

Em sintonia com as características, as modalidades que fazem do Brasil um espaço de acolhimento, mas também um espaço de preconceitos e de discriminação, elas acabam se familiarizando com a realidade da situação quotidiana, na qual elas se encontram enquadradas como “estranhas”. Esta situação mexe com suas relações sociais e com suas histórias pessoais, assim como na maneira em que cada uma vive a relação entre modernidade e tradição. Isso acaba conectando a vida dessas alunas africanas ao panorama das relações sociais brasileiras, bastante competitivas no campo étnico e social, e isso cria um tipo de tensão, que acaba considerando a cultura e modos de vida dessas alunas africanas como diferentes e ‘arcaicos’. Na mesma perspectiva, a população de São Francisco do Conde mantém um olhar discriminatório, em função de seus fenótipos e comportamentos. Tal como as negras/os no Brasil, ou de alguma forma, estrangeiras, essas alunas africanas são identificadas por brasileiros pelas categorias por elas detestadas, como as de “moreninha”, “neguinha”, “sangue bom” e “angolana” e pelas categorias “assimilado”, “muzungu”, “munungu” e/ou “mucunho” (SUBUHANA, 2005).

E as atribuições do termo ‘coisinha’ permeia o chamado masculino da camada São Franciscana e Laraia sublinha como herança cultural, é o produto de uma relação ambígua do passado com o presente, nas descrições, moral e comportamental, do ser humano, no espaço social no qual está inserido. O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim

produto de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura. (LARAIA,1932)

Estes estudantes africanos/as são uma ameaça para essa comunidade São Franciscana? Até que ponto suas presenças são significativas? São acusados de ocupar os espaços que deveriam ser ocupados pelos brasileiros, ocultando o fato de que a única razão de estarem no Brasil, é para poderem realizar estudos e, assim, melhorar as próprias condições de vida. E todo legado histórico, social e cultural africano se espelha em tais realidades que as alunas têm enfrentado, chegando a elaborar reflexões sobre a dimensão moral e comportamental dos habitantes de São Francisco do Conde, em geral.

A partir de uma situação real, todo o engajamento na formação e realização de estudos e no sustento e suporte da vida dessas alunas africanas depende dos familiares. No entanto, essas estudantes africanas no seu todo, sustentam que os estudos foram o único caminho escolhido como saída para um futuro melhor. Nesta dimensão, o investimento é a peça fundamental na sua manutenção e permanência, sendo que implica o desenvolvimento nacional, nos países respectivos. Este desafio consiste em dar apoio para a realização de seus estudos, sendo que a contrapartida consiste em compartilhar seus conhecimentos adquiridos na melhoria de condições de vida, quando do retorno ao país de proveniência.

2.3 COMO A SITUAÇÃO DAS MULHERES É DEBATIDA NOS PAÍSES DE PROVENIÊNCIA DAS ALUNAS E NO DEBATE AFRICANO GERAL

O propósito desta parte é discutir o papel destas alunas nos respectivos países e no contexto africano, mediante as observações junto às protagonistas desta narrativa. Salientamos que todas as marcas de solidariedade e luta são feitas em grupo, como de modo individual. No entanto, a partir destas marcas, tiramos as conclusões que essas preocupações são feitas a partir de movimentos congregados no âmbito nacional, como internacional, ou seja, através de redes de comunicações, promoções e divulgações solidárias nas quais estão implicadas as situações destas alunas africanas. Pude observar que, nas formas de interpretações e informações, são significativas, desde que observamos que todos os relatos beberam de uma fonte de organização social, de forma ordeira e através de relações sociais, ou interpessoais, como também através de experiências de vida, assim dando atenção aos contextos culturais e locais específicos dos países de proveniência, para maior entendimento das “reais” situações. Como sublinha

Oyèronké Oyěwùmí, as análises sobre a realidade africana não devem ser interpretadas à luz de noções e de categorias importadas do mundo ocidental, como aconteceu durante a época colonial. “Quando realidades africanas são interpretadas com base nessas alegações ocidentais, o que encontramos são distorções, mistificações linguísticas e muitas vezes uma total falta de compreensão, incomensurabilidade das categorias e instituições sociais” (OYĚWÙMÍ, 2004, p. 8).

Esta característica vem à tona, no ponto de vista do próprio povo de São Francisco do Conde. Nos discursos destas alunas, a imigração é uma experiência radical de saída dos próprios lugares de conforto. Ela pode ser movida por múltiplos fatores: situações sociais, políticas, como econômicas, que obrigam pessoas a deixarem seus lares, a transformar, e esconder situações comprometedoras que ameaçam suas vidas. No caso da maioria das alunas da UNILAB/Malês, foi motivada pela vontade de se formar nos estudos superiores no Brasil, e de fazer parte de um projeto internacional audacioso como o da UNILAB.

Stuart Hall sustenta que toda imigração é fruto de uma razão, ou seja, ninguém se desloca de um lugar a outro sem motivo prévio, e sem uma razão. Na comunidade já formada dos alunos/as africanos no Brasil, em São Francisco de Conde, diversos são os fatores que impulsionaram cada um dos alunos africanos a se deslocar. Múltiplas são as trajetórias de vida, trajetórias também traçadas em conjunto. E toda essa corrente migratória, ou seja, as sociedades multiculturais não são construções de agora.

As histórias pessoais das alunas têm vários pontos em comum, entre os quais destaco, aqui, a experiência gendrada da opressão e da discriminação, enquanto mulheres africanas. Ainda é possível conversar com elas sobre as formas de opressão das mulheres na África, uma situação que acontece na base de um legado do passado colonial em conexão com as realidades atuais, sendo ainda afetadas pelos efeitos do Imperialismo, na qual esta experiência Africana coletiva no Brasil-São Francisco do Conde, é mais um episódio, em todos os aspectos da vida social, cultural, política e econômica, e que estão ligados ao legado do colonialismo. Estão ligados porque estas duas regiões foram mergulhadas em uma dinâmica de crescentes desigualdades. E, lembrando as situações do cotidiano de cada pessoa envolvida, com uma visão mais cautelosa, destacando causas e efeitos numa dimensão histórica, em ligação à análise dos dias de hoje, diz Amina Mama: “Minha visão é que a prevalência de tantas formas perniciosas de

violência gendrada demandam análises tanto históricas como contemporâneas” (MAMA, 1997)¹.

A partir de observações tidas durante as conversas com algumas alunas africanas, aqui em São Francisco do conde, percebi as diferenças entre as culturas africanas dos distintos países de proveniência. Segundo as entrevistadas, nas relações de gênero, a mulher tem que desenvolver várias tarefas sozinhas ao mesmo tempo, sendo que está sempre deputada aos trabalhos domésticos. O caso relatado pela aluna Iadira Impanta não é um caso isolado, mas que me parece ser compartilhado pela vida de muitas das jovens mulheres que entrevistei. Iadira coloca: “Eu confesso que trabalhava muito e tinha menos tempo para me dedicar ao estudo em casa do que meus irmãos. Mas eu sempre lutei contra tudo isso. Essa questão se coloca aqui no Brasil. É um desafio que precisamos modificar” (2015)

A partir destas múltiplas situações, essas alunas africanas relatam suas reflexões no que se confere à vivência da desigualdade de gênero e salientam ser que tal situação de desigualdade é resultado de fatores históricos e culturais e seu legado, sob influência de traço do poder político à cultural. Algumas entrevistadas contaram que, mesmo nos casos particulares e como coletivo de algumas meninas nos países de proveniência, a posição da mulher é sempre presente nas condições de vida mais baixa em relação ao homem, tida como aquela que serve para satisfazer a vontade do marido ou da família, como dona de casa que cuida da criança e da casa, e não aquela que tem que estudar ou ter emprego fixo e entre outras atividades que sonhara, se há que analisar de quem mais sofre com violência de gênero, é sempre aquela menina ou mulher.

2.4 AS LUTAS E AS COMBINAÇÕES EM PROCESSO

Esta parte tem como pano de fundo a ilustração contra todo tipo de formas de violência, discriminação. Resumido como “boa nova” de modo a dar flexibilidade e transparência nas construções estratégicas. Mas, no entanto, esta análise reforça a necessidade de estudar e entender essa categoria mais profunda e cautelosa, a perceber a “mulher”, e suas interpretações nessa dinâmica da sociedade das alunas africanas em São Francisco do Conde.

¹ O texto aqui citado de Amina Mama é um texto traduzido por Caterina Rea e originariamente publicado em: ALEXANDER, Jacqui; MOHANTY, Chandra Talpade. **Feminist Genealogies, Colonial Legacies, Democratic Futures**. New-York/London: Routledge, 1997.

Significa que essas alunas africanas se revelam nos esforços desenvolvidos, no contexto de ser bons quadros, como estudantes africanas. As reflexões exigem uma larga vantagem de análise e interpretações, como possível projeção nessa formação de imaginários e pretensões, para desmitificar o que se tem acerca das suas vidas como estudantes e sobretudo "mulheres estrangeiras", precisamente em São Francisco do Conde.

Essas meninas africanas em seu processo político entenderam que não nasceram para perpetuar a imagem da "mulher submissa", e fizeram esforços. Entenderam que as desigualdades são construídas historicamente, a partir de diferentes padrões de hierarquização, constituídas pelas relações de gênero e raça, que, mediadas pela classe social, produzem profundas exclusões. São combinações de discriminação que geram exclusões, tendo como explicação a perpetuação da discriminação, como o racismo e o sexismo.

Mas tudo à volta da importância do pensamento e no entendimento da discussão sobre movimentos feministas, em caso, sem exceção, foram adquiridos e aprimorados durante a estadia no Brasil, como também, através de um legado histórico e cultural, que foram aprimorados pela experiência adquirida na participação de movimentos de luta pela igualdade e direitos da mulher, ao lado da avó, companheiro e família próxima, ligados fortemente. Como conta uma das entrevistadas:

A minha experiência nessa categoria é própria minha história de vida em processo. No qual estou lidando e acredito que tenho bagagem suficiente de dar a entender, os eventos, altos e baixos momentos da vivência. Do racismo a dificuldades de integração e adaptabilidade, a preconceito e a discriminação racial e étnica, e eu como mulher nesse quadro há sempre uma preocupação de sair na rua e dar a cara de toda as formas de violência e assédio, a qualquer parte da cidade, sempre sou vista como "angolana gostosa" ou "coisinha" e entre outras formas de discriminação, e a preparação para situações como essa são todos os dias, fato que já vem à cabeça, na tomada de atitude e na busca de saídas (Entrevista no dia 04/08/16).

Nesse universo, essas alunas africanas têm gerado grupos ou movimentos a congregam mulheres em processo de mobilização e organização, tal como o Coletivo das mulheres Africanas (CMA), com o objetivo de dar visibilidade para as alunas e de organizar ações de promoção e defesa dos direitos das mulheres africanas, incluindo, quando necessário, denúncias de discriminação, abuso e machismo.

O coletivo visa, assim, a discutir esses mecanismos de violência, por meio de reuniões, palestras e debates abertos ao público.

Deste modo sublinhamos que essas alunas africanas relatam serem vistas como outras e estrangeiras, através do seu traço cultural, de suas vestimentas e de seus comportamentos cotidianos. Ou antes de tudo, talvez devêssemos nos perguntar, como determinada característica passou a ser reconhecida (passou a ter significado) como uma “marca” definida da identidade; perguntar, também quais os significados que, nesse momento e nessa cultura, estão sendo atribuídos a tal marca ou tal aparência.

O que é notável tanto no recinto universitário como pelas ruas de cidade, é a visão objetiva e concreta pela condição cultural como social das mesmas, deste modo elas são sempre vistas como mulheres, mas na condição de estrangeiras. E na formulação deste imaginário, a figura do/a estrangeiro/a é sempre tida como a quebra da ordem social, e assim acontece também no espaço de São Francisco do Conde, em relação à presença destes/as alunos/as na cidade. Citamos, a este propósito, o antropólogo Roque Laraia, segundo o qual: “A chegada de um estranho em determinada comunidade pode ser considerada como a quebra da ordem social ou sobrenatural” (LARAIA, 1932).

Considero que as marcas identitárias e os traços culturais percebidos como diferentes estão no vestuário, no comportamento, na estética, como se a presença delas não pudesse se encaixar no espaço da cidade brasileira onde agora se encontram. Como? E porquê?

Na minha compreensão, o mundo está em constante mutação por motivos diversos. E a diversidade só toma sua forma original quando é assumida como busca de saber lidar com essas diferenças, não só através daquilo que o olho vê, mas através de quem corre atrás desta particularidade, tenta compreendê-la e se familiarizar com os outros.

Os dados relevantes, como as entrevistas e a literatura acadêmica, nessas condições, independentemente de sua origem, tendo pauta a discussão da diáspora, e as transformações em processo, foram considerados. E em todas as falas e nas narrativas das estudantes, evidenciaram um desconhecimento da realidade brasileira. Elas relataram que, ao seu ver, há uma idealização da realidade brasileira, que é maquiada pela imprensa, pelas novelas, reportagens, e outros programas de televisão difundidos em África. Por isso a preocupação de Milton Santos sinaliza: “A mídia trabalha com o que ela própria transforma em objeto de mercado, isto é, as pessoas” (Santos, 2012, p. 167).

Concluimos este capítulo, sem deixar de nos surpreender que nas falas, essas mulheres traçaram seus devidos sonhos e desejos, na busca de compreender e saber lidar com a realidade que as cerca. No entanto, é válido discernir que, nos depoimentos das alunas, os processos, e suas lutas são feitos com garra, em uma turbulência autêntica e viva, e para serem contados, com convicção serena em promessas de superação e trilhando caminhos na busca de dias e futuros melhores.

3 CAPÍTULO II: O COTIDIANO E O ENCONTRO COM A ALTERIDADE

Neste segundo capítulo, apresento três pontos. A primeira parte fala sobre o cotidiano das alunas entrevistadas e o encontro delas com a alteridade da sociedade na qual se encontram situadas. Na segunda parte, faço uma breve análise das representações, dos impactos da diversidade sobre as alunas africanas. Na terceira parte, apresento as marcas desse processo de adaptabilidade e suas performances, para melhor compreensão dos tipos de vínculo, linguagens, hábitos e costumes locais.

A alteridade é aqui entendida como sendo o momento em que o ser humano, na sua vertente social, tem uma relação de interação e dependência com o outro. Por esse motivo, o "eu" na sua forma individual só pode existir através de um contato com o "outro". No entanto, a alteridade também é a comunhão, onde as diferenças são cultuadas através de um espaço sociocultural, onde objetivos e pretensões diversas são traçados, onde é possível verificar altos e baixos, e a influência de uns sobre outros. A alteridade é feita ou implica que um indivíduo necessita um do outro, através de uma relação baseada no diálogo e valorização das diferenças existentes.

Achamos, a partir das narrativas de nossas entrevistadas, que elas tiveram de aprender sobre as formas de convivência no Brasil, formas essas que elas não conheciam antes da vinda e que eram trazidas pelas mídias nacionais e, agora, na convivência com o povo de São Francisco do Conde, mostraram-se de forma diferente. E tudo isso, segundo elas, serviu de inserção nos modos de vida do Brasil

3.1 OLHAR DAS REPRESENTAÇÕES EM PROCESSO

Como contam algumas alunas entrevistadas, a visão que tinham do Brasil, antes da vinda, com aquele olhar de "fora", é que tudo aqui no Brasil seria agradável e perfeito, uma terra doce e tranquila, desde os grandes centros urbanos até o interior. O Brasil abria-se em um panorama de imagens, cenários, encantos, museus, centros históricos, cinemas, e grandes centros comerciais e parques de diversões, baladas, símbolos e rituais, samba no pé, praia de Copacabana, funk carioca, e pagode, e tudo mais.

Essas representações circulam na compreensão que muitos/as africanos/as têm do Brasil, a partir de novelas, entre outros meios de comunicação, mas que vão perdendo a força e os

encantos após à chegada, segundo as minhas informantes, ou seja, no contato com a realidade encontrada em terra brasileira, que não coincide com as expectativas construídas. Tal como ocorre com a imagem da cidade de Salvador, tida como referência para a estadia, com sua agitação citadina, com as possibilidades de criação de novos afetos e que, de outro lado, aparecia como turbulenta e contrastante com a primeira imagem. Estas contínuas observações acabam dando origem, como foi possível contextualizar, a uma espécie de surgimento de um conflito entre tradição e modernidade, e que era desconhecido, tornando, para elas, difícil separar ou distinguir o que se deve ou não se deve fazer, de modo a facilitar a adaptação e a inserção na vida quotidiana da comunidade, em São Francisco do Conde. E Giddens aponta para a modernidade como um mecanismo meramente gestor deste conflito e diz:

Os modos de vida colocados em ação pela modernidade nos livram, de uma forma bastante inédita, de todos os tipos tradicionais de ordem social. Tanto em extensão, quanto em intensidade, as transformações envolvidas na modernidade são mais profundas do que a maioria das mudanças características dos períodos anteriores. No plano da extensão, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos de intensidade, elas alteraram algumas das características mais íntimas e pessoais de nossa existência cotidiana (Giddens, 1990, p. 21).

Desta forma, algumas das minhas informantes persistiram na busca de uma forma de inserção, sendo possível observar que cada nacionalidade, procura aproximar-se mais do pessoal da mesma, de modo a facilitar sua performance de convivência, mantendo suas representações e o caráter original de sua cultura, uma vez que isso permite às pessoas se inserirem ainda mais em um espaço sociocultural compartilhado. Pude observar que estas características permanecem imutáveis por longo período, apesar de toda diferença histórica de cada indivíduo. Ainda constatamos que algumas de nossas informantes nem se conheciam, antes do vínculo com a UNILAB, e que acabam surgindo laços de amizade e compartilhamento de normas e valores comportamentais. De fato, essas foram invenções necessárias, no quadro da integração em curso, que parecem, como algumas alegam, unir elementos do passado e do presente, alguns necessários e outros inventados, dando origem a uma série de práticas, que implicam a continuidade do passado histórico no presente. Ainda é possível observar que essas alunas falam e mantêm as suas línguas nativas em qualquer espaço social, assim como o modo de vestir, sobre o qual falaremos no próximo capítulo, analisando o conflito entre tradição e modernidade. No entanto, fenômenos, assim, são recorrentes, segundo algumas informantes, que dizem ser comum a uma pessoa ficar sozinha, sem se comunicar ou se aproximar de outras pessoas. Foi através de atividades culturais e recreativas, incluindo cerimônias públicas municipais,

estudantis que, aos poucos, essas pessoas isoladas começaram a participar e se incluir. Isso nos interroga e traz questionamentos, se foi à luz de pretensões ou construções que isso se deu.

De modo que se pode afirmar que pessoas nesse estado são o produto da própria história e que, de certo modo, não é possível estender seus assuntos e procedimentos particulares, como sendo próprios e comuns a outras pessoas da mesma nação ou país de origem. Como as falas de algumas informantes apontam, qualquer erro cometido por um “estrangeiro”, é julgado, pela comunidade de São Francisco do Conde, de forma mais abrangente e impactante, como sendo um erro do coletivo a que este indivíduo particular pertence, dizendo que foram “os africanos” ou “angolanos”, que fizeram isso ou aquilo. Isso nos remete a pensar no tempo, ligando-os a desastrosos acontecimentos do passado escravista, que continua a afetar o presente e a negar um futuro promissor. Franz Boas (apud Celso Castro, 2004) reforça este aspecto, salientando “que as marcas do diferencial histórico são o fruto de uma educação que contamina o presente através das nossas experiências e pensamentos”.

De forma que, como mecanismo essencial para colocar em cheque a angústia da experiência de estar "fora da sua terra", o que minhas informantes narraram, como sendo uma experiência compartilhada, é que elas tentam aproveitar ao máximo, os vários ensinamentos que a vida lhe concede. Seguindo os ensinamentos da vida, essas meninas sinalizam as marcas da adaptabilidade, resolvidas a partir do contato com a experiência em processo, em várias vertentes, que Hall diz ser não só feita de uma única identidade, mas de várias, devido às mutações que o mundo passa, mas que nem sempre foram a favor do sujeito. “O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas”, (HALL, 1992, p. 11).

Através dessa influência globalizada, surge como ponto chave a mídia, como um dos meios de atração para a vinda e a estadia no Brasil. Deste modo, algumas das minhas informantes alegaram que nunca imaginaram que, apesar do desenvolvimento da tecnologia, e do rápido acesso às informações, que temos hoje em dia, o povo de São Francisco do Conde as chamasse todas, de maneira indistinta, de “angolanas”. Elas relataram nunca ter imaginado que seriam tratadas como algo “estranho” ou diferenciado, ao vestirem seus trajes tipicamente africanos ou ao usarem outra roupa típica do mundo ocidental. E elas são muitas vezes interpeladas nas ruas da cidade com perguntas e afirmações muitas das vezes constrangedoras. Isso dá a elas a

possibilidade de perceberem o quanto nossas diferenças significam, para quem não está familiarizado com elas. Como conta uma das entrevistadas:

Somos o que o senso comum tem estereotipado como sendo aquele africano animalesco, sempre que ficamos à beira da estrada na solicitação da carona do centro para a faculdade, uma vez a que instituição não disponibilizou ônibus escolar para nos deslocarem; às vezes, os motoristas dos ônibus escolares municipais, nem todos aceitam levar a gente das nossas casas para outros cantos da cidade. Ora, os cidadãos sistematizam a preguiça, uma narrativa do qual somos acostumadas a caminhar, desde que na terra de vocês não existe meios de transporte. Persiste a narrativa de que a gente incomoda de qualquer forma e em qualquer lugar que seja, (Entrevista concedida no dia 8/6/16).

3.2 MARCAS DA ALTERIDADE E AS FORMAS ADAPTATIVAS

Esta parte reflete sobre como se dão as formas de adaptação, que algumas alunas tiveram que enfrentar, após sua chegada ao Brasil. A questão linguística é apontada, pelas minhas informantes, como um fator de tensão e de desconforto no trato com a população local. Algumas alunas sustentaram que o problema de falar à moda "daqui", cria um certo tipo de incerteza e angústia, ao se perguntarem se estão certas ou não, ou ao tentarem reproduzir algo novo a partir do aprendizado. Por exemplo, aqui, dizem elas, existem palavras como *carona* ou *ônibus*, nunca vistas antes pois, nos seus lugares de origem, usam-se outras palavras como *boleia* e *autocarro*. E às vezes buscam, através das suas línguas nativas, as variadas formas que se encaixam para não gerar atrito; porém, algumas pessoas não entendem suas falas ou sotaques “à brasileira” e “à nordestina”, pois as falas, geralmente, não são como o esperado; e isso acaba por demonstrar um significado que sinaliza as performances da linguagem e todo seu substrato simbólico e histórico. Nessa linha de pensamento, Ferdinand de Saussure (1992) mostra como cada linguagem carrega uma gama de fatos históricos. Escreve o autor: “Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais” (SAUSSURE, 1992, p. 25).

Essas marcas da língua na sua performance adaptativa ilustra um conflito; falar a língua do outro significa, em certa medida, penetrar sua história e a dos significados que nela estão sedimentados. Conta uma das entrevistadas:

Às vezes prefiro me calar pra nunca ‘falar’, busco não errar na hora de compor minha fala, sempre que for ao caso, julgo falhada comigo mesma, sempre que falo com cidadão e demais, muitos acham engraçado minha fala e pronúncias, outros até julgam

que de onde aprendeu a falar a ‘nossa língua’? Em alguns casos quando você fala com uma pessoa, em partes ele não compreende alguma coisa, devido ao sotaque que cansa as vezes, no entanto o sujeito procura fazer gesto na sua cara como se fosse...isso me irrita ou às vezes a pessoa para você na rua, ou lugar algum, lhe pedindo pra falar a fim de ver de certo modo se na verdade, você aquilo ou não o que se têm pensado, muitos acham isso engraçado ou assimilam sua fala dele pra fazer piada e pede pra repetir frases junto dele e comendo comparações, (Entrevista concedida no dia 10/09/16)

E chegamos à conclusão de que todas essas falas são recorrentes, como pano de fundo no presente, onde todas as representações na cultura são frutos de demandas de traços identitários e educacionais de cada país, e de cada indivíduo. E isso foi mais que essencial para o imaginário das estudantes, quando da inserção. Algumas das informantes da minha pesquisa conheceram aos poucos o que significa a questão identitária, o fato de falarem suas línguas nativas e seus impactos, as questões de gênero, a relação Brasil-África, e como são vistas pela população de São Francisco do Conde, a questão do ser negro no Brasil, e o papel da mulher negra no Brasil. Esses fatos que são tão antigos, quanto atuais na realidade contraditória e conflituosa das cidades brasileiras, que nos remetem à escolha entre ‘ser’ e ‘querer’ ou ‘não querer’. Segundo Iadira, como mulher negra e Africana ‘estrangeira’ aqui no Brasil, no quadro de estudantes da Unilab, no seu TCC de graduação, falando do processo de sociabilidade dos alunos e alunas Africanos no Ceará (Redenção), mostra que esta problemática de “ser” e “querer” não se limita somente a esses alunos e alunas africanos/as em Redenção, mas vale também para os/as de São Francisco do Conde. Ela afirma que o principal fator gerador desta forma de adaptabilidade é o fator histórico, sendo, também, consequência da constante flexibilidade da era moderna. “O querer ser e o querer fazer nas sociedades africanas, também é extensiva às sociedades brasileiras. Eu penso que as mulheres, na África e no Brasil, querem ser elas mesmas. Porém, é bom que fique claro: a visão que se tem do que seja mulher na África e no Brasil é diferente”, (Iadira, 2015).

No entanto, achamos que estas visões sistematizam um panorama de compreensão das relações sociais que as alunas tecem com o povo de São Francisco do Conde. Assim conta uma das entrevistadas como essas reivindicações são confrontadas e ativas:

Acidentalmente, não sei por caráter egoísta ou fardada de curiosidade, fui perguntada, se na África uso do celular ou essa natureza só começou aqui no Brasil, indaguei com a situação e pensei duas vezes para não poder falar besteira e várias narrativas sacudiram minha cabeça. Me segurei e fiz esforço de responder gentilmente, que as construções feitas sobre o povo Africano e sua perspectiva são outrora construídas a longo prazo e cercados de narrativas preconceituosas e egoístas, mas que realmente existe sim, várias modalidades de coisas inovadoras que tanto no Brasil cobiça e

permeiam as vidas das pessoas também faz o mesmo com a pessoas do outro lado do mundo, inclusive continente africano. No entanto, as mulheres Africanas não foram feitas para serem ‘objeto’, e suas vidas são conduzidas e feitas por elas a seus modos e pretensões. Obvio que esse fato existe na África, isso não significa que todo esse processo em partes acontece contra vontade da própria pessoa. E creio que algo semelhante acontece aqui como de diferente de lá, (Entrevista concedida no dia 12/06/16)

É um fenômeno recorrente, assim contam algumas entrevistadas, o fato de serem paradas, a fim de darem explicações sobre coisas ligadas à sua vida e a dos colegas africanos, pois na intuição do povo de São Francisco do Conde, "todo africano" é sofrido e passa por necessidades diversas. Para elas, além de ser uma batalha de fazer a pessoa compreender que as coisas não estão assim tão difíceis, há a questão do tempo disponível para tal, pois é duro e angustiante às vezes, ter que responder e receber questionamentos. Mas de certo modo algumas das minhas pesquisadas acham que isso também categoriza uma contribuição, como sujeitos acadêmicos que são, e isso ajuda na sua transposição e na defesa da marca identitária e todo circuito histórico e cultural.

Algumas das minhas interlocutoras informaram sobre procurarem manter o equilíbrio do conflito de adotar "coisas" "daqui" e de "lá", o que as ajudou na adaptação. De tal forma que, elas estão construindo meios de entrar no “ritmo brasileiro”, trocando danças, músicas, hábitos e costumes delas, tidos culturalmente como tradicionais, pelo o que é ‘daqui’, local. De tal modo, tal adesão ao mundo brasileiro atua como uma fonte de significados culturais, focado em identificações e em um sistema de representações, no sentido de questionar, de investigar ou saber se essas culturas e identidades se compactuam, se reconhecem entre si, ou se elas se excluem.

Assim, as alunas com as quais conversei demonstraram esse desejo de conviver, dar e receber ensinamentos sobre as particularidades culturais do Brasil e de seus países de origem; uma vez que possuem a vontade de seguir as tradições, mas sem mumificá-las, ou cristalizar a herança recebida. Ressaltam, também, ao mesmo tempo, um desejo de viver no refúgio da memória passada, como sublinha uma das entrevistadas:

O processo adaptativo foi difícil e continua sendo. Até então não criei um laço tão afetivo com demais nacionalidades. Não porque prefiro ficar no solitário ou não me identifico com elas, mesmo sabendo que é tarefa muito complicado e não ajudaria em nada, mas é uma tomada de decisão partindo de mim mesma. Mesmo com meus parentes, muito embora algumas foram minhas companheiras, antes desse processo da vinda ao Brasil. Mas a experiência em curso está valendo a pena e pude observar o que meus olhos nunca tinha testemunhada antes, uma narrativa sendo criada a justa proporção e momento oportuno, marcando e envolvendo vários recursos e

personalidades. Faço parte dessa história e essa história me pertence, se tem pessoa que sabe explicar melhor do que a gente seria uma novidades e surpresa. Ora, se antes não viro de se envolver com demais gente dependendo de situações, agora anseio de várias alturas formar "panelinhas" com pessoal integrados, conversando e trocando ideias, às vezes fofocas e coisas típicas da mulher e isso me faz acreditar e confiar que algo tem sido cultivado e abrindo caminho para novos horizontes (Entrevistadas concedida no dia 07/10/16).

Concluimos que a identidade está em cada uma dessas jovens mulheres entrevistadas. O resultado da adaptabilidade representa duas faces da moeda “Ou és ou não és”. Sistematizando a importância das condições culturais, da sociabilidade, do fazer com que cada uma, possa viver, falar e produzir.

A partir deste princípio, a reprodução de um certo esquema de hábitos suportou, um certo, andaime da estrutura à brasileira-são franciscanas; mas essa máquina de adaptações, no molde de consumir, produzir e espelhar todos os valores e ideias, e todo um conjunto de sonhos e desejos, que sincronizam a vida dessas pessoas, que trouxeram do seu passado, seus hábitos e costumes "locais", na projeção de um presente e um futuro, *de* modo ainda a fortalecer o seu potencial de atuação. Em outras palavras e sentidos, essas alunas africanas, graças à construção “adaptativo emergente” que trouxeram, e às fusões a possíveis positivities, nas quais, em parte, se convertem e se ajustam, eliminando as carências materiais e simbólicas, as precisões imediatas e imaginárias; ou seja, achando saídas, e as entrelaçando a outras, que teriam produzido rupturas, diferenças e contrastes. De certo modo, como bem disse, uma das minhas entrevistadas:

Me sentia, uma sem alma num mundo sem alma, isso foi desde a minha chegada e continua sendo mesma coisa, rotinas sem “encanto”. No qual nada mudou quase. Às vezes o que me conforta são imaginários dos meus desejos. E me esforcei fazendo outras amizades de fora. Porque é pra meu bem, era importante e necessária. O dinamismo feito por mim, é forjado no acompanhamento, com toda sua exigência de fidelidade. Sem alternativa, fiz tremendo esforço para conseguir ingerir a comida do RU (Restaurante Universitário), tive que procurar o médico várias vezes, porque meus órgãos não estão acostumados a certos leques gastronômicos, o sol e o calor sem exceção foi um dos motivos de mal-estar. Desde que não entendia, os costumes e hábitos de restantes nacionais, e esforcei acostumar, mesmo constrangida, ensinei a mim mesma a inventar coisas. Eu fui e corri atrás dessas realidades em processo” (Entrevista concedida no dia 13/09/16).

Estas mulheres, em São Francisco do Conde, a partir de grupos individuais e coletivos, são ou formam movimentos para expressão imaginária e para a prática dos seus desejos “na terra dos outros instigadas no esforço da procura de formas novas e mais livres de existência.” Como lembra uma das minhas entrevistadas:

Às vezes o que me dá conforto é poder participar nas atividades recreativas tanto no município como fora dele. Como tenho participado de vários eventos festivos de cultos Afro-brasileiros, oficinas de danças, de lutas de movimentos sociais e lutas feministas, nas festas, como aniversários e datas comemorativas das independências dos países Lusófonos, dia da África e festas populares juninas...São entre outros processos que sustentam a minha adaptação. (Entrevista concedida no dia 14/09/16)

Minhas entrevistadas vão ao encontro das diferenças, através de experiências de humor e seriedade, angústia ou desespero, nos contextos culturais mais diferentes. De certo modo, algumas das minhas informantes sistematizaram várias narrativas afiliadas aos costumes e hábitos dos países de proveniência, a partir dos quais ocorrem as transformações dos comportamentos culturais, a língua e demais situações do processo de adaptação. Em situações que fazem surtir constrangimento, medo e invenção. Assim sublinha uma entrevistada:

Há certas pronúncias brasileiras que não consigo superar mesmo forjada a morte, e sinto vergonha ou às vezes com medo de falar para não correr o risco de errar e ser zoada, e vergonha de cair nos ditos são franciscanos “ fale que nem a gente”. E o desespero me consome quando, no único espaço, soa aquele sotaque típico africano ou do meu país. Porém, às vezes as minhas falas são mais faladas dentro de mim do que para os outros. E frequentes estranhamentos são exclusivamente traduzidos a lugares que um indivíduo frequenta, desde que sua presença representa uma diferença. Marcado para tais fins e seu pertencimento sublinha um marco de manifestações. Ora, como estou no meu meio acadêmico e suas influências têm contribuído muito na superação de barreiras. Logo percebi o que era bom e ruim para mim, no entendimento de uma adaptabilidade em processo” (Entrevista concedidas no dia 09/10/16).

É possível concluir que esses comportamentos culturais são sinônimos de construção identitária, quaisquer que sejam seus princípios e conceitos; engajados nos resultados, com vista a sua contínua transgressão, de modo a criar possíveis vertentes de espírito de reconhecimento e contradição. No entanto, esses hábitos na suas mais diversas formas e valores simbólicos, práticos e não práticos merecem um destaque, dentro de uma dinâmica do que é de "fora" e do que é de "dentro".

4 CAPÍTULO III: TRADIÇÃO E MODERNIDADE: O ENFRENTAMENTO DAS AMARRAS IDENTITÁRIAS EM PROCESSO

Neste terceiro capítulo, analiso, de forma sucinta, a questão da tradição e da modernidade, e os enfrentamentos das amarras identitárias de algumas alunas informantes desta pesquisa. Este capítulo se divide em quatro partes: na primeira parte, analiso, brevemente, as noções de identidade, tradição e modernidade como conceitos gerais. Na segunda parte, questiono as amarras identitárias e suas influências no processo que estou estudando. Na terceira parte, ocupo-me da dinâmica do funcionamento destas amarras no contexto universitário e caseiro. Na quarta parte analiso o olhar das instituições educadoras de cada país de proveniência, a partir das falas das minhas informantes, e apresento as influências das representações socioculturais ligadas aos usos e costumes locais, e a maneira em que tais usos e costumes culturais são aplicados no contexto brasileiro. Na quinta e última parte, analiso a estética da vestimenta usada pelas informantes e as formas com que esta estética da vestimenta africana é considerada e percebida no espaço de São Francisco do Conde.

4.1 DA IDENTIDADE A TRADIÇÃO E MODERNIDADE E SEUS CONCEITOS

Esta parte faz um apanhado geral da questão da tradição e suas relações com a modernidade. Assim, definimos a modernidade como um grande dilema em relação aos contrastes da nossa época (séc. XX e XXI), a partir dos surpreendentes avanços tecnológicos. Nos desafios de conviver com o diferente e com a multiplicidade de versões e sua ambiguidade constante entre o que consideramos velho e ultrapassado e o novo, muitas vezes difícil de ser identificado, ou trazendo dentro dele parte do velho, acreditamos que a principal razão da identidade parte da consciência histórica dos povos, ou seja, que, historicamente, essas construções foram feitas a partir das formações psicológicas e históricas passando de gerações a gerações, espaços geográficos até o contexto atual, e a sua compreensão é a chave para a compreensão do fator constituinte da identidade. O que seria identidade? Na verdade, a noção da identidade instaurada, voluntária ou inconscientemente, numa cultura onde essas jovens mulheres inserem suas condutas, por meio educacionais, formais ou informais, desempenha papel fundamental, pois é através dela que se dá a transmissão de um discurso, que traz a marca do pertencimento nesse contexto, e assegura a continuidade da experiência, tanto do ponto vista individual como social.

A modernidade é, de certo modo, um período de tempo que se caracteriza pela realidade social, cultural e econômica vigente no mundo. Tratar da era moderna, é fazer referência à ordem política, à organização de nações, à forma econômica. A modernidade tem uma gama de conflitos, produzindo intensas contradições e soluções, algo depois que acaba se transformando numa cultura e meio de saber, ou seja, adaptada a todo espaço geográfico, independentemente da cultura. Galton (1869) afirma que o discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre a cidadania, já que no interior desses novos modelos, discorria-se mais sobre as determinações do grupo biológico do que sobre o arbítrio do indivíduo.

4.2 AS AMARRAS IDENTITÁRIAS E SUAS INFLUÊNCIAS EM PROCESSO

Esta parte começa com as interrogações que também foram incluídas no roteiro de perguntas feitas às minhas interlocutoras, e que formarão o centro deste capítulo. Então, quem são? Como vieram ao Brasil? Como é viver no Brasil, e na cidade onde vivem? Como é a experiência no espaço universitário? Por que escolheram o Brasil? Passam por experiências de racismo? Há preconceito? Considero que estas perguntas são necessárias, a fim de aprofundar mais no dia-a-dia das alunas que entrevistei. E são precisas na medida em que ajudam qualquer “estranho” na compreensão da vivência das alunas africanas no Brasil. Essas mulheres do século XXI, vindas de diferentes partes do continente alegam a importância de suas identidades, na autoafirmação e valorização das tradições, hábitos e costumes. Destaco, assim, o valor de suas falas nas quais percebo a tentativa de entrarem em sintonia com o novo lugar em que residem. As amarras que as estruturas culturais locais criam, na familiarização e na tomada de consciência dos efeitos da confrontação com a tradição cultural brasileira. Nessa perspectiva, algumas das minhas pesquisadas acham que estas sociedades industrializadas, tomadas como modernas, entram, muitas vezes, em contradição com as tradições africanas, numa luta intensa e ardente entre o ocidental e o tradicional africano. Stearns diz:

Ao mesmo tempo, os padrões ocidentais puderam apontar caminhos de melhorias, à medida que as mulheres aprendiam novos usos da educação e da associação e ganhavam novas perspectivas em práticas de família que podem não ter sido de seu interesse, (p. 159).

Também, pode-se evidenciar que algumas alunas procuram substituir as roupas de origem, pelas vestimentas ocidentais modernas, de modo a sentir e compartilhar, esse afeto que envolve a modernidade. Elas afirmam que esta maneira de vestir, é uma opção de “gosto”, e não “alienação”. As entrevistadas relatam, em muitos casos, as dúvidas e os conflitos pelos quais

passam, no momento de escolher a roupa para sair. Geralmente gera uma tremenda confusão diante do guarda-roupa. Ao se colocarem estas dúvidas sobre qual roupa vestirem, elas relatam que, ao usarem roupas tradicionais, percebem o olhar alterizante da sociedade na qual estão agora inseridas, que as coloca como estranhas, vindas de fora ou estrangeiras. Então as minhas pesquisadas usam a estratégia de misturar as roupas, para se colocarem em uma “circularidade cultural”. Como lembra uma das entrevistadas:

A cidade em processo é libertadora, uma vez que nos nossos países de origem suportam grandes maquiagem dessas grandes metrópoles em todos seus vertentes e núcleos, são várias saídas para o exterior, o mundo externo, onde os costumes e tradições ensurdecem em partes, comprometidas com promessas do ocidente. Então, algumas de nós, sentem mais livres por ai em partes...Uma vez que usam roupa ocidentais/americanizada. Essas mudança de lá para cá faz sentido, desde que sinto alguma diferença na minha pessoa física, e encarrando os conflitos em torno do meu espaço físico e seus costumes e tradições que muitos consideram retrógrados. Pelo processo da globalização em série e constante metamorfose na África, através de uma sementeira das culturas locais com grandes culturas ocidentais, leva a uma modernização experiencial. No entanto, existe todo conflito na hora do que vestir e não, afim de encaixar num dado tipo de lugar e para que tipo de pessoas. ’’(entrevista dia 12/09/16).

Ainda pode-se afirmar que elas reproduzem estas novas dinâmicas, uma vez que muitos desses encaixes identitários correspondem a projetos, antes da vinda ao Brasil. Algumas relatam ter sido motivadas, nesta escolha, pela mídia ou atraídas pela presença de produtos brasileiros revendidos nos mercados locais, dos países de proveniência. Ora, na tomada de atitudes e caminhos, me proponho a pensar que todas as alunas nesse processo, no território que "sonharam", não encontram nada, que aconteça, que esteja fora do seu conhecimento, até porque seus modos de compreensão as fizeram agir, e interagir com certas pessoas ou grupos e diversas modalidades sociais. A maior repercussão na vida dessas alunas é derivada do conflito gerado pela multiculturalidade, a partir do processo de trânsito e deslocamento globalizado. Semeados por meio da cultura americanizada que permeia do campo à cidade, essas alunas experimentam o contato com novos modelos culturais. Dentro deste aspecto e atitude, segundo Milton Santos (2012), o nosso meio social e cultural nunca se livrou dessa diversidade e que a realidade político-social é fruto dessa formação migratória, que caracteriza o mundo atual.

No entanto, podemos perceber que esse projeto de vida, destas alunas no Brasil (São Francisco do Conde) se desenvolveu, a partir de um longo processo, traçando figuras, exposições, para além de fronteiras, tendo como consequência, o empoderamento das mulheres, através de seu posicionamento em relação com a cultura Afro. O olhar no passado e no presente histórico,

como forma de estimulação para um potencial caminho para o futuro. Este fato permitiu que elas acessassem caminhos para novas ideias e conceitos. Citamos um exemplo de como a experiência da interculturalidade atravessa a vida destas jovens mulheres nas suas expressões mais cotidianas. Elas mencionaram, nas entrevistas, o termo “tchuna baby” (short/roupa), explicando que, apesar de este termo ter influência angolana, a moda à qual se refere é consagrada de modo abrangente e popular em outros países africanos, como Guiné-Bissau, onde significa que a vestimenta estará ‘acima das nádegas’. Como também estas representações serviram para a descoberta da ligação entre a questão política e fatores interculturais, remetendo ao conflito entre gerações e ao lugar, nele, da libertação sexual. Assim, Jeffrey Weeks (1995) lembra que criar nossas alternativas é gerir nossos fundamentos, da melhor maneira, para renovar e construir ações mais sólidas e coerentes.

Ainda, evidenciamos que todas as marcas da constituição identitária de algumas alunas fazem-se recorrentes a respeito da vivência de cada uma, dentro das normas e traços na base dos usos e costumes vinculados à educação recebida, no país de origem. Porém, este fato não sustenta a não criação ou a não invenção de outras tendências inovadoras, uma vez que a importância que as novas representações e produções exercem, na sociedade, são uma autêntica combinação de tradição e modernidade.

Segundo afirmam as minhas informantes, antes e depois da vinda ao Brasil, o peso da sociedade influencia a pessoa. Para elas, o fato de seguir o padrão de educação recebido em casa, incluindo a moda ocidental e as formas de vestir, constitui uma forma de ganhar admiração. Estas construções surgem sob o domínio do processo colonial em que seus países foram mergulhados, e todo legado deixado pelos europeus sobre os oprimidos ainda permanece visível. Numa iniciativa de desfrutar o ‘ideal’ ou ‘padrão’, que segundo elas a educação que se faz em casa impõe, no sentido de que quanto mais respeito ao padrão comportamental de agir, falar ou vestir, à moda ou ao jeito ocidentalizado, maior é a recompensa em admiração e respeito. Isso geralmente são atribuições muitas das vezes obrigatórias a serem seguidas como normas familiares a longo prazo. Sendo que quanto mais for a preservação ou a manutenção de tais comportamentos “necessários”, maior a inserção a qualquer espaço social ou situação. Pensamos que o processo educativo, em muitos casos, tem um viés normalizador, normalizante e constrangedor, cujos efeitos podem ser dolorosos para os indivíduos que se esforçam em incorporá-los. Neste sentido, citamos Guacira Lopes (2013), segundo a qual, o processo

disciplinar que recai sobre o indivíduo tem uma dimensão política e social, cujos efeitos são, muitas das vezes, dolorosos, sob o peso do disciplinamento.

4.3 DO CIRCUITO UNIVERSITÁRIO AO CASEIRO E ATRIBUIÇÕES EM PROCESSO

Esta parte discute as formas de representação institucional (escola, universidade) aqui no Brasil. Todo experimento educacional sempre tem sua marca no espaço cultivado, aqui partimos do referencial das escolas. Segundo as minhas informantes, nas escolas desde cedo, o experimento dos critérios adotados pelo sistema de ensino preestabelecido, culminam a partir do traço do “civilizado”, como uso da uniforme camiseta, calça jeans ou saia sob comprimento “decente” são essenciais e significam a responsabilidade e respeito a si “mesma” e ser e se sentir “civilizado”. Foi impactante segundo elas, ao lidarem com colegas da faculdade, sobretudo brasileiras, que podem se vestir com roupas relaxantes e muito mais atraentes. A partir disso, surgiram inúmeras gamas de contradições e perplexidades pois, além do que já ouviam falar das pessoas no Brasil, a maneira de convivência é bem diferente do que imaginavam.

Ainda que, segundo a análise da primeira conferência de mulheres da CPLP (2000), a mulher ainda enfrenta uma séria de dificuldades e falta de apoio para sua integração, baseada na discriminação e igualdade e as relações de gênero são condicionadas pelos valores que se têm perpetuados ao longo dos tempos, refletidas por uma mentalidade que veicula práticas e atitude remetendo a mulher para um papel secundário, como no campo da educação as mulheres continuam com menos oportunidades e maiores índices de desistência escolar. E estas fracas instruções e formação dizem respeito ao controle de maneira geral, levando-se em conta também as questões religiosas (islâmica, religiões tradicionais e cristã e etc.). Estas alunas afirmaram que não foi fácil encaixar nesta nova realidade, os seus usos e costumes, como também o modo de vestir tradicional, usado em ocasiões específicas como festas, na universidade e nos espaços de lazer. Esta visão do panorama brasileiro é comum nestas experiências das minhas pesquisadas, e fazem elas inverterem os papéis, como se medissem as consequências da inserção e as influências que essas dinâmicas aclamam, não muito diferente das suas particularidades, ou dos seus espaços sociais, mas sobretudo algumas alegam a pertença a uma geração de usos e costumes diferentes, mais conservadores. Buscando estes pontos da diferença, é enfrentar a ousadia misturada com o medo. O que Franz Boas (2004) afirma é que as nossas pretensões são feitas em conformidade com a situação e o ambiente em que estamos inseridos e diz: “As atividades do indivíduo são determinadas, em grande medida,

ora por seu ambiente social, ou, por sua vez, suas próprias atividades influenciam a sociedade em que ele vive, podendo nela gerar modificações de forma” (BOAS, 2004, p. 47).

4.4 DO OLHAR EDUCADOR ATENTO E AS INFLUÊNCIAS MODERNAS

Este tópico analisa a formação da educação moderna, trazendo à tona a análise da primeira Conferência de mulheres da CPLP (Salvador 2000), segundo a qual, a realidade, os grandes objetivos da comunidade dos países falantes da língua portuguesa podem ser melhor atingidos, se inseridos em uma perspectiva de gênero. Basta lembrar que, quanto à política de cooperação para o desenvolvimento, apresenta melhores resultados quando o público alvo são as mulheres, pois, cada vez mais, elas assumem o papel de chefes de família, são responsáveis pelo sustento do núcleo e pela promoção de melhores condições de vida para seu agregado familiar. Assim, a situação da mulher é largamente influenciada por aspectos da natureza sociocultural, como sistema de parentesco familiar: patrilinear e matrilinear. Sendo elas o maior contingente populacional dos seus países, sendo 57,7% da população, sua expectativa de vida é maior que a dos homens, mas a reinserção social e os mecanismos da promoção do desenvolvimento da mulher encontram-se em dificuldade motora de capacidade de execução de ações. Porém, a maioria vive nas zonas rurais, com níveis bastante fracos de instrução e formação. Carecem de autonomia no que diz respeito ao controle de sua própria vida e do seu corpo, devido aos fatores sociais, econômicos, culturais, judiciais e políticos. A par disso, minhas informantes foram capazes de viver estas adequações essenciais a fim de se sentirem elas mesmas. Segundo algumas entrevistadas, quando um adulto, educador/a ou pais se deparam com situações, que estejam fora das marcas ou dos traços educacionais preconizados, eles apelam para medidas de repressão. Em vista disso, minhas informantes procuram seguir estas regras, uma vez que há o peso dos/as educadores/as junto às questões religiosas, os usos e costumes e as normas familiares. Toda essa preocupação permeia as implicações transitórias, pelos terrenos que pisam, estéticos e morais. Segundo uma das entrevistadas:

Nunca fui garota problemática, mas nasci e cresci numa família apegada à questão religiosa, que não pretendo dizer qual pertença, mas sou de levar em conta a religiosidade que sustenta prática, e acostumada a conviver com esse ambiente, sempre procuro a entender e dar o máximo possível entrar na linha, ora faço parte dessa geração movida cem mil milhas por segundo, nesse panorama civilizatória midiática de certo modo vestido e uso roupas e acessórios a meu gosto, quando faço isso significa que o preparo espiritual é imensa desde que os julgamentos não faltarão, no entanto em detalhes posso afirmar que sou a mesma pessoa desde que deixei a minha terra, não pelo fato de estar no Brasil pode me tornar outra pessoa ou mais ou menos do que sou ou até pior. Hoje faço as coisas a meu jeito da mesma forma que as

peças fazem seus julgamentos as suas maneiras, e hoje continua na mesma coisa quase nada mudou (Entrevista concedida no dia 15/09/16).

Nesse encargo de tomada de decisão e poder afirmar “eu quero ser eu”, elas conscientes da problemática em que vivem, numa sociedade acostumada a tratar pessoas pela aparência, elas reafirmam esta visão, ou melhor, tomada de decisão, a partir do olhar do país de proveniência e do país de chegada (Brasil/São Francisco do Conde). Uma vez que, segundo as meninas informantes, cada jornada de conflitos e narrativas, numa perspectiva de Brasil antes da vinda, e assim como na pós-vinda, tais narrativas e conceitos são criados ou influenciados a partir da visão que do Brasil se tem nos países africanos, mediada pela mídia – revistas e programas de televisão –, que apresenta o Brasil como um todo, sem levar em conta sua diversidade geográfica, social e cultural. Esta visão mediatizada perpetua a ideia estereotipada de um Brasil sem moral, de costumes fáceis, sendo que, em particular, as mulheres são tidas como lascivas e sexualizadas. E segundo Deborah Brizman, a cultura, particularmente no que tange à sexualidade, é apresentada como um espaço de contestação, de conflitos e de contradições, e não como um mundo estático de representações e normas supostamente imutáveis.

Poderíamos considerar a cultura não como um objeto sagrado e venerado a ser protegido e preservado, mas como um local altamente contestado e contraditório, no qual a geopolítica da sexualidade recusa a estabilidade de fronteiras culturais, nacionais, de gênero e sexuais (BRITZMAN, 2013, p. 106).

Onde essas jovens mulheres africanas, nessas representações, buscam, a todo custo, a defesa de seus hábitos e costumes, as proposições e atrações da modernidade, em processo oferecem situações reais e atuais.

4.5 DA ESTÉTICA E PRETENSÕES EM PROCESSO

As alunas envolvidas nesta pesquisa testemunham seu esforço para se aproximar da cultura brasileira e da sociedade de São Francisco do Conde e das demais cidades próximas do Recôncavo baiano. Gabriel Ambrosio (2014) afirma que toda sabedoria do "estranho" e suas formas de representatividade apresenta um significado. Tanto naquilo do que é "daqui" como de "dali". Isso implica uma chamada de atenção a quem não entenda do assunto ou vestimentas e símbolos dos "outros".

Os cidadãos elogiam as vestimentas coloridas, mas se esquecem da sabedoria que vem das cores Africanas com suas simbologias. Por que as cores, neste sentido, nos

alegram quando compartilhamos saberes, culturas, danças que as universidades não nos oferecem (AMBROSIO, 2014, p. 21).

Então os cidadãos de São Francisco do Conde acreditam na possível apropriação, uma vez que, segundo as minhas informantes, a imaginação do povo da cidade fala que “os angolanos estão pegando o que é nosso”, isso implica a criação dos seus próprios códigos de vida. Essas alunas buscam saídas para não entrar em contradição e evitar possíveis conflitos. No entanto de forma ordeira, elas buscam misturar, inventar seus próprios códigos que levariam ao bem individual e ao coletivo. Na base disso, é válido questionar se algumas dessas pessoas da cidade gostariam de ser como elas. Certamente que suas figuras servem, de algum modo, de atração para alguns, ou como referência em representação social, para outros, a partir das suas medidas ou escolhas.

Vale afirmar que essas práticas as tornariam numa opção atraente ou sedutora? Tomando em consideração as atitudes conservadoras num contexto de crenças, religião, hábitos e costumes locais, ou inseridas numa dinâmica que algumas entrevistadas afirmam ser constrangedora e preconceituosa, tal como quando são tidas, por exemplo, como “a angolana gostosa”, ou “a coisinha” pela camada masculina de São Francisco do Conde, acreditamos que a identidade africana, no contexto brasileiro e particularmente no Recôncavo da Bahia, está ainda associada com a história colonial e com a da escravidão. O peso desta história tem uma influência na atualidade e na forma com que as jovens mulheres africanas, que entrevistei, são percebidas na região de São Francisco do Conde. É possível afirmar, sem possível refutação, que cada uma dessas meninas pesquisadas, tem seu sonhos e desejos, resguardando suas características que passam do comum. Diante desse processo ou da experiência afetiva da integração (São Francisco do Conde/Brasil), essas jovens estudantes se caracterizam pelas diversas formas de expressão individual que apresentam, como estratégias de autoestima e inserção no plano afetivo, alcançando um profundo investimento na experiência pessoal. Segundo Gabriel Ambrosio, no entanto, existem lacunas a serem preenchidas nesse âmbito identitário, uma vez que, na verdade, as mulheres, hoje em dia, são aceitas como são, graças à referência histórica como única saída para assumir toda a afirmação identitária. Diz Ambrosio que as “mulheres negras em Angola não aceitam o seu cabelo natural. Na verdade, as belezas naturais merecem ‘rebatismo identitário para erguerem a autoestima secular. Configurado no ‘sou eu’, ‘faço como quiser’ e ‘por onde quer que seja’ ” (AMBROSIO, 2016, p. 23).

Essas meninas pesquisadas em São Francisco do Conde são frequentadoras de salão de beleza e investem de certo modo na beleza e na estética. Visivelmente, elas se encarregam do próprio

cuidado ou cuidam uma das outras. Como também é visível, utilizam diversos acessórios, como óculos, pulseiras, turbantes, colares, bolsas, tipicamente africanas. Como também usos de moda brasileira por meio de trajes e roupas ousadas, vestidos com decotes ousadas, saias e shorts curtos, saltos altos etc.

Nesse contraste identitário, as minhas informantes acham que o uso de roupas e todo o conjunto de acessórios, de cosméticos e maquiagem desenvolvem um importante papel no fortalecimento da autoestima da mulher africana. De acordo com as observações feitas, elas usam tranças, cabelos black, apliques, extensões e mechas nos cabelos. Estas práticas estéticas respondem à vontade e ao gosto individual, mas também encarnam práticas culturais e estéticas africanas. Referindo-se à realidade das estudantes guineenses, Iadira Antonio Impanta, jovem mulher aluna da Unilab (Redenção), no seu TCC, sustenta que o fenômeno do pertencimento a uma identidade está em cada um de nós, orientando nossos gostos e nossas decisões. Diz Iadira Impanta:

A identidade não é algo fixe. Então, eu posso usar esse meu cabelo (aplique) e manter minha identidade africana, a identidade Guineense. É isso que eu penso. Você disse que quando sua filha crescer não será a permitida colocar aplique no cabelo. Eu discordo. Eu penso assim, você pode instruir sua filha sim, mas nunca deve proibir ela futuramente de escolher um tipo de cabelo que ela deseja usar (2015 s/p).

A partir das opiniões elaboradas nesta parte, as minhas informantes no que concerne às opiniões sobre seus valores e atitudes, divergiram. Ora, também existe a questão amorosa ou do relacionamento ocasional; o que permanece cercado de imposições, mesmo quando irrealizados ou realizados, com suas consequências, que culminam nas distinções sociais de cada uma. Destes conflitos e amarras identitários, as minhas informantes acham que o grupo dos homens africanos é considerado, pela população de São Francisco do Conde, como sendo além de algo “recente” ou “novo”, também como algo supostamente ameaçador. Deste modo, podemos citar o estudo realizado, no Ceará, por Ercílio Neves, na sua tese que discute a sociabilidade da população africana em Fortaleza. O autor complementa que os homens africanos foram sempre vistos como "brutos", nas suas características físicas e comportamentais, o que faz com que a mulher africana recorra ao "desconhecido" ou aos "daqui", que são considerados mais atenciosos e cuidadosos. Escreve o autor:

De fato, são notórias as queixas de mulheres africanas e brasileiras sobre a violência nos relacionamentos com homens Africanos. No discurso das africanas, percebe-se produção e representação do homem brasileiro como ideal-carinhoso, diferente, mas

também ciumento, criando-se uma escola hierarquizada de "brutalidade" masculina diferente entre os homens brasileiros e homens africanos (NEVES, 2014, p. 119).

Ao tocar nestas questões, minhas informantes me respondem, sem ocultar o incômodo e o nervosismo, que julgamentos como esses, de que preferem os brasileiros, se fazem entre a camada masculina africana, (São Francisco do Conde e demais), de tal modo movida a ciúmes, que segundo as informantes, é o fator principal. De acordo com as observações e o referencial teórico, pode-se afirmar que toda mulher africana procura o relacionamento com o homem brasileiro, pelo poder econômico ou pelas suas características físicas, sobretudo quando se trata de um homem branco. Mas é de considerar, segundo minhas observações, que as mulheres de Guiné-Bissau estão mais apegadas aos homens do próprio país, do mesmo modo que as cabo-verdianas, as angolanas e são-tomenses somam-se e seguem o mesmo caminho. Isto é entendido como caminho de sociabilidade e alinhamento, que sustenta sua integração e parentesco, na demarcação de imposições que facilitariam sua adaptabilidade, onde tudo isso conta. Os namoros por interesse não são uma intuição exclusiva da camada dos homens africanos, mas também, constatamos que, segundo minhas informantes, os homens do município de São Francisco do Conde acreditam que, quando as africanas quiser namorar com um homem brasileiro é em função da classe social e do poder econômico, ou então com o objetivo um visto de permanência ou nacionalidade (caso haja filho ou casamento).

Algumas das minhas entrevistadas afirmam a sua atração pelos homens africanos, enquanto não sentem interesse pelos brasileiros e rejeitam as propostas de homens são-franciscanos, seja para relacionamento de longo prazo, namoro ou, simplesmente, para "ficar". As alunas relatam que, na maioria dos casos, os homens brasileiros querem uma "angolana", como motivo de orgulho e triunfo na demonstração e valentia do "pegador". Muitas das vezes, essas meninas tiveram de evitar os homens brasileiros para evitar o constrangimento, o medo ou mesmo a possibilidade de serem tratadas como, "troféu" ou como "objeto". Elas acreditam que este comportamento de muitos homens brasileiros seria derivado da ideia negativa segundo a qual as mulheres africanas são submissas e consentem facilmente a diferentes formas de violência contra sua integridade física e moral.

As aproximações com os brasileiros, ou seja, uma africana/o com brasileiro/a, nas idas e vindas pelas ruas da cidade, insinuam a intuição de interesse e aproveitamento. Como conta uma das entrevistadas:

Bom, cercado pelo todo substrato que respira a social inserida, do mesmo tom que enfatiza a marca pejorativa, essas intensões viram simples brincadeiras, do mesmo modo que faz a pessoa se sentir constrangida, existe pessoas que chega na sua cara alegando, da sua inocência afirmando o porquê de não namorar os homens “daqui” uma vez que são melhores na cama e mais atenciosos de certo modo pode lhe garantir condições de sair da miséria. Muitas das vezes, as pessoas fazem tais afirmações, de certo modo a tentar conhecer sua fraqueza, as vezes nem procura, saber das suas condições acaba falando o que lhe convém, mesmo tendo como brasileiro, um amigo/a ou colega da faculdade, você não pode estar nessas aproximações logo é feita de interesse. Como tem revelado um vídeo de conteúdo constrangedora circulando pela cidade, o povo já está achando que o vídeo foi feito por uma Africana. A qualquer lugar que a pessoa for são feitas as mesmas interrogações sem motivos prévias do sentido do vídeo e sua origem, que não faz parte de nenhuma parte de qualquer uma de nós” (Entrevista concedida no dia 20/08/16).

A conclusão deste capítulo, a propósito desse fenômeno se aproxima há um quadro conflituoso e misterioso; a questão da adaptabilidade e a fusão do saber e práticas de "perto" como considerado "retrogrado" assumi um nível de suposta afirmações e várias narrativas variantes no espaço qual é cultuada. Este experimento em processo, sustentada na particularidade sentimental como coletiva.

5 CONCLUSÃO

Este trabalho oferece um primeiro estudo sobre a chegada de alunos africanos na UNILAB, Campus dos Malês, em São Francisco do Conde/BA. Em particular, analisamos, a partir de uma breve pesquisa de campo, a situação de jovens mulheres africanas, chegadas ao Brasil para cumprir sua formação nas áreas de Humanidades e Letras. Esta pesquisa nos levou às seguintes conclusões. As evidências comprovam, esta aproximação do Brasil com os países africanos, de língua portuguesa, no campo étnico-social, reforçada pelo vínculo histórico, linguístico e cultural.

Notamos ainda que tanto no município, como no território Brasileiro inteiro, sabe-se muito pouco sobre os países africanos e suas realidades; estes estudantes passaram a conviver com esses estereótipos, que segundo os referenciais teóricos abordados na pesquisa, existe um contraste entre as expectativas geradas pela mídia e a realidade encontrada pelas minhas informantes. A mídia, principal ferramenta voltada a espelhar o Brasil, no mundo afora, levou à atração pela busca de oportunidades para estudo, nesse suposto país das maravilhas, que seria o Brasil. Isto acaba se refletindo nas relações sociais e políticas, no quadro da reflexão social brasileiro-são franciscana, pois vimos uma autenticidade singular no pensamento local, uma vez que para os cidadãos de São Francisco do Conde, todo Africano é “Angolano”. Para exata noção de autenticidade, foi necessário questionar as minhas pesquisadas: Quem são os africanos nesta cidade? Como elas são enxergadas? Com qual intenção ou objetivo? Até que ponto têm o conhecimento sobre vocês? A resposta é sempre a mesma, não tão difícil de responder, segundo minhas informantes “para eles somos todos iguais” e “angolanos”.

Neste trabalho evidenciamos abrir dois caminhos de conhecimento: um deles, o carinho e a vontade de alcançar conhecimento e novas ideias, e o outro, oportunidades de vida. Numa lógica, onde o conhecimento é o principal interesse da massa de estudantes.

Todas as minhas pesquisadas tiraram a conclusão de que o significado de ser “estrangeiro” e de seus papéis como estudantes-africanos, internacionais na UNILAB, se faz, em parte, pela ação dos cidadãos de São Francisco do Conde de conhecer os africanos, no intuito de questionar e tirar conclusões se os mesmos são ofensivos ou inofensivos, se é bom amá-los ou não, ou evitá-los de uma vez.

Concluimos, também, que a comunidade destas mulheres estrangeiras na Unilab-São Francisco do Conde, entende-se como uma entidade social, e ser parte deste coletivo se realiza a partir do mecanismo que a experiência lhe proporciona. Ou seja, cada linha traçada perante esta realidade foi firmada, em parte, com base nas intuições políticas, costumes, hábitos e ritos, dos locais de origem dessas mulheres; sendo bom lembrar, que as minhas pesquisadas vieram de cantos (realidades) diferentes da África. Como apontado na pesquisa, algumas partilham o mesmo espaço geopolítico, mas as formas de encarar os desafios da vida foram distintas.

De forma que esta experiência, relatada por minhas informantes, se alimenta de descobrimentos, inovações e reconstruções, onde viu-se que mulheres africanas ministraram palestras sobre padrões de beleza e saúde da mulher e quebraram os estereótipos sobre a realidade africana.

Assim concluimos este trabalho na percepção das várias iniciativas culturais e sociais, dentro de um ambiente ideológico e de políticas intelectuais.

A partir de todo o que pesquisei e das falas das minhas informantes, podemos concluir que, no Brasil e, de forma particular, na Bahia, a história colonial e da escravidão tem ainda um impacto muito grande na maneira de se aproximar da identidade africana. Desta forma, o peso desta história tem uma influência na atualidade e na forma com que as jovens mulheres africanas, que entrevistei, são percebidas na região de São Francisco do Conde.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Angela. Corpo, cor, pensamento complexus. CASTRO, Gustavo de;
- CARVALHO, Edgard de Assis; ALMEIDA, Maria da Conceição de (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. [4. ed.]. Porto Alegre: Sulina, 2006. 245 p.
- AMBRÓSIO, Gabriel. A vida na diáspora: a inspiração da consciência e experiência. **Por dentro da África**, [S. l.], 04 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/vida-na-diaspora-inspiracao-da-consciencia-e-experiencias>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- AMBRÓSIO, Gabriel. O que a colonização não fez: parte I. **Por dentro da África**, [S. l.], 11 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/coluna-africa-em-chronica-o-que-colonizacao-nao-fez-por-gabriel-ambrosio>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- AMBRÓSIO, Gabriel. Padrão de beleza e autoestima. **Por dentro da África**, [S. l.], 11 jan. 2016. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/22173>>. Acesso em: 10 jan. 2017.
- APPIAH, Anthony in Kubi e Torres, Ngindu , in Valentin-Yves Mudimbe, *”A invenção de África, Gnose, filosofia e a ordem do conhecimento*, edição, 1977.
- AS MULHERES da CPLP. In: CONFERÊNCIA DE MULHERES DA CPLP, 1., 2000, Salvador. **Documento final da...** Salvador, 2000. Disponível em: <http://www.cplp.org/Files/Filer/MIC_CTI/CPLPOIT/Outros-documentos.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- BECK, Ulrich, GIDDENS, in Anthony e LASH, Scott. *”Modernidade reflexiva: trabalho e estética na ordem social moderna”*. São Paulo: Unesp, 1997.
- BOAS, Franz. Antropologia cultural. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2004. 109 p.
- BRITZMAN, Deborah. Curiosidade, sexualidade e currículo o corpo educado. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 174 p.
- CIPOLLO, Marcelo Brandão. In: HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013. 283 p.
- DANTAS, I. Lanzellotti. **Entre o projeto de vida e o projeto cultural: o lugar do estudante Angolano**. 2002. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?arqtese=2002-DANTAS_I_L.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2017.
- DELCANO, Rubilsom. Migração guineense foi tema de seminário em universidade do Ceará. **Por dentro da África**, [S. l.], 26 out. 2015. Disponível em: <<http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/migracao-guineense-foi-tema-de-seminario-em-universidade-do-ceara>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

GIDDENS, Anthony, in Hall, Stuart, **''A identidade cultural no pós modernidade''**, edição, 1990

_____, **''Consequências da modernidade''**, in Natalia da Luz, Reflexão sobre tradição e modernidade entre as mulheres Africanas, por dentro da África, revista online ,março, edição, 2015

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: DP&A, 1992.

LANCASTER, Joseph in Richard Parker, **''Cultura, economia política e construção social da sexualidade, o corpo educado, pedagogia da sexualidade''**, p141, edição, 1992.

LARAIA, Roques de Barros. Antropologia social. In: _____. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MACAMO, Elisio. **Estudos moçambicanos**. [S.l.], 2009.

MBEMBE, Achille. **África insubmissa: cristianismo, poder e Estado na sociedade pós-colonial**. Luanda: Mulemba, 1987.

MUDIMBE, Valentim. Yves, In Ana Medeiros **''A invenção de África, gnose, filosofia e a ordem do conhecimento''**, edição 2013

OLIVEIRA, Lucas. **Conceito de alteridade**. 2017. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/conceito-alteridade.htm>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

REINETTE, Stéphanie Melyon , in Natalia da Luz **''Consequências da modernidade, reflexão sobre tradição e modernidade entre mulheres Africanas**, edição, 2015.

Said, Edward, in Stuart Hall, **''A identidade cultural no pós-modernidade''**, edição, 1992

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SAUSSURE, Ferdinand, in H. Stuart, **''A identidade cultural na pós Modernidade''**, edição, 1992,

SCHWARCZ, L. Uma história de diferenças e desigualdades: as doutrinas raciais do Século XIX. In: _____. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 43-66.

STEARNS, Peter N. in Mirna Pinsky **''Histórias das relações do gênero''**, São Paulo, editora contexto, edição 2013

SUBUHANA, Carlos. **Estudar no Brasil: imigração temporário de estudantes moçambicanos no Rio de Janeiro**. 2005. 193 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Escola de Serviço

Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005. Disponível em:
<<http://www.bdae.org.br/dspace/handle/123456789/2118>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA. **Diretrizes gerais**. Redenção, 2010. Disponível em:
<http://pdi.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/08/Diretrizes_Gerais_UNILAB.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel, in HALL, Stuart, **”A identidade cultural na pós-Modernidade**, p.34, edição, 1992.

WEEKS, Jeffrey, in Guacira Lopes Louro, **”Pedagogia da sexualidade”**, O corpo educado”, edição, 2013.